

PERSPETIVAS DESENCONTRADAS SOBRE A GUERRA FRIA EM MANUAIS DE HISTÓRIA EUROPEUS

CRISTINA MAIA*

Resumo: O artigo desenvolve um estudo comparativo sobre as representações da Guerra Fria na Europa Ocidental, Europa Nórdica e Europa de Leste, entre os anos de 1980 e de 1990. A investigação foi desenvolvida através da análise de Manuais Escolares de História e, sempre que possível, dos Programas Escolares. Procedemos a uma investigação eminentemente qualitativa de análise de conteúdo a partir do texto informativo, documentos e propostas de experiências de aprendizagem presentes nos Manuais.

No quadro teórico foi considerada a natureza da Ciência Histórica e a sua repercussão no ensino da História; o processo de formação da consciência histórica; a importância da História na formação do indivíduo; uma abordagem aos estudos mais recentes sobre a Guerra Fria e ao estado da arte da investigação em Manuais Escolares.

A investigação revela a forma como o desenvolvimento dos conteúdos sobre a Guerra Fria foi evoluindo em perspetivas desencontradas em vários países da Europa e com assinaláveis alterações entre as décadas de 1980 e 1990. Chegamos a conclusões sobre os diferentes usos da História, a partir das representações culturais, históricas e geopolíticas das referidas áreas geográficas da Europa.

Palavras-chave: Manual escolar; História; Consciência histórica; Guerra Fria; Alteridade.

Abstract: This paper develops a comparative study of teaching the Cold War theme in Western Europe, Northern Europe and Eastern Europe between the 1980s and 1990s, through the analysis of History Textbooks and, where possible, the Syllabus. Through this analysis, we carried out a thematic study of the contents of the Cold War, and a critical review of views on the Cold War period.

For the theoretical framework, the nature of Historical Science and its impact on the teaching of history was considered; the process of formation of an historical consciousness; the importance of history in shaping the individual; an approach to the most recent studies of the Cold War and the state of the art of research in school textbooks.

The research reveals how the development of content about the Cold War was evolving in divergent perspectives in various countries in Europe and with significant alterations between the decades of the 1980s and 1990s. Conclusions were drawn about the different uses of history, from cultural representations as well as historical and geopolitical of the referred to geographic areas of Europe.

Keywords: Textbook; History; Historical Consciousness; Cold War; Alterity.

I. INTRODUÇÃO

A investigação em Manuais Escolares de História tem demonstrado a importância deste recurso na formação da consciência histórica nos alunos e nos professores. Análises comparativas permitem a discussão sobre as diferentes representações da realidade histórica, concorrendo para o grande desafio de alertar para prejuízos e estereótipos acerca de outras nações ou grupos. Adquirir consciência histórica é também reconhecer e

* CITCEM/ESEIPP – cristinamaia@ese.ipp.pt.

compreender a existência do *Outro*, ajudando a formar a identidade pessoal de cada indivíduo¹.

Continuamos a enfrentar a necessidade de estimular uma sociedade de base democrática, que garanta a perspectiva multicultural, colhendo a experiência do passado para a ajudar a enfrentar possíveis problemas e até alguns perigos que estão relacionados com a influência de representações no desenvolvimento de valores e de atitudes. Em história da educação, a análise comparativa das representações de «Os Outros» também colhe entendimento na conceção de multiperspetividade, conceito que alcançou preponderância no ensino da História a partir dos anos de 1990, tendo-se tornado numa das principais competências de desenvolvimento do conhecimento histórico.

Este estudo pretende ser mais um contributo nesse sentido, centrando o seu olhar sobre a representação de «Os Outros» e do «Nós» nas três grandes áreas geográficas da Europa, visível na forma como foi valorizada, omitida, distorcida ou «corrompida» a mensagem em torno do conteúdo programático Guerra Fria, no antes e no depois da queda do muro de Berlim. A análise de diferentes perspetivas traz, conseqüentemente, a indagação do que se trata a representação de «Os Outros» e a do «Nós». Aqui encontramos perspetivas onde se entrelaçam análises de conteúdo dos Manuais Escolares que podemos considerar simultaneamente exógenas («Os Outros») e endógenas («Nós»). Nessa medida, todos os Manuais Escolares de cada país transportam estas duas dimensões pela forma como selecionam e retratam a realidade histórica e, assim, fomentam a educação histórica. Através da análise de conteúdo dos Manuais de História descobrimos a imagem de «Os Outros» em cada uma das áreas geográficas da Europa, revelando como tenderam a retratar a Guerra Fria, a partir das suas próprias representações culturais, históricas e geopolíticas.

O nosso estudo revela como o Manual Escolar pode tornar-se num instrumento de dominação cultural e objeto de uma política educativa. Pelas investigações que se têm desenvolvido na área dos Manuais Escolares, tem-se vindo a comprovar o quanto o Manual Escolar pode ser um veículo ideológico e cultural. Apple e Christian-Smith² chegam mesmo a afirmar que os Manuais participam na construção de ideologias e ontologias, uma vez que o currículo escolar não é neutral, pois este debate-se por legitimar um conhecimento que resulta de uma complexa rede de relações de poder e que luta com aspetos como a classe, a raça, o género e os grupos religiosos. Também Mikk, na introdução do seu estudo, apresenta uma rubrica que designa de «Textbooks: future of a nation», o que revela bem a importância que o autor atribui aos Manuais. Este autor³ afirma o seguinte:

Students have been acquiring knowledge, attitudes and developing a value system from textbooks. [...] Good textbooks are a bonanza for any nation.

¹ RAUDSEPP & HIIEMA, 2013.

² APPLE & CHRISTIAN-SMITH, 1991.

³ MIKK, 2000: 15.

Nos Manuais podemos encontrar referências explícitas ou implícitas a um grande conjunto de padrões de atitudes que se pretendem inculcar nos jovens, ou seja, estes não apresentam apenas factos, mas também divulgam ideologias, muitas vezes sendo veículos de transmissão de regimes políticos e conseguindo mesmo legitimá-los quando os trata e os fundamenta no Manual.

A UNESCO adotou a seguinte afirmação de Apple e Christian-Smith⁴ sobre os Manuais Escolares, no seu «Guidebook on Textbook Research and Textbook Revision»:

Textbooks are one of the most important educational inputs: texts reflect basic ideas about a national culture, and [...] are often a flashpoint of cultural struggle and controversy.

O estudo apoiou-se num conjunto de pressupostos teóricos que passam por traçar o caminho entre a natureza da Ciência Histórica e a sua repercussão no ensino da História; o processo de formação da consciência histórica⁵; a importância da História na formação do indivíduo⁶; algumas notas sobre o percurso epistemológico do conhecimento histórico, sobretudo a partir da segunda metade do século XX⁷, e sua consequente influência na didática da História⁸; seguindo-se, finalmente, algumas considerações sobre os estudos mais recentes acerca da Guerra Fria e suas repercussões sob o ponto de vista da construção dos Manuais⁹. Também desenvolvemos o estado da arte da investigação em Manuais Escolares¹⁰.

II. GUERRA FRIA E MANUAIS ESCOLARES

1. DELINEAMENTO DA INVESTIGAÇÃO E ASPETOS METODOLÓGICOS

O nosso estudo analisa de que forma os Manuais Escolares de História de diversos países da Europa das décadas de 1980 e 1990, correspondentes ao 3.º ciclo do Ensino Básico português, ensinam o tema da Guerra Fria, incorporando também os aspetos mais teóricos que os documentos oficiais expressam nos Programas Escolares e/ou Orientações Curriculares de História, igualmente correspondentes ao Ensino Básico português, sempre que foi possível recolhê-los. Trata-se de estabelecer a dialética entre o Programa Escolar e a sua interpretação nos Manuais Escolares e com isto desenvolver uma revisão crítica sobre as representações da Guerra Fria em três áreas da Europa – Europa Ocidental, Europa do Norte e Europa de Leste.

⁴ APPLE & CHRISTIAN-SMITH, 1991, cit. em PINGEL, 1999: 5.

⁵ RÜSEN, 2001, cit. em GAGO, 2007; LOWENTHAL, 2000, cit. em GAGO, 2007.

⁶ BLOCH, s.d.; MONIOT, 1993; LAUTIER, 1997; ALVES, 2002; MAGALHÃES, 2002.

⁷ CAIRE-JABINET, 2008; DAGORN, 2008; GRATALOUP, 2008.

⁸ LAUTIER, 1997; MAGALHÃES, 2002; MONIOT, 1993; BARCA, 2001; MATTOZI, 1998; PAIS, 1999.

⁹ SOUTOU, 2001; FONTAINE, 2004.

¹⁰ MAGALHÃES, 2007; CHOPPIN, 1999; APPLE & CHRISTIAN-SMITH, 1991; CABRAL, 2005; GÉRARD & ROEGIERS, 1998; CARVALHO & FADIGAS, 2007; MIKK, 2000; MONIOT, 1993; VIAL & MIALARET, 1987; PINGEL, 1999; WEINBRENNER, 1992; NICHOLLS, 2006; PINTASSILGO, *et al.*, 2007.

Outros critérios na seleção do *corpus*, ainda, foram as diversidades geográficas e políticas com a intenção de obter respostas em torno da alteridade: será que a Europa teve diferentes olhares sobre a Guerra Fria? A delimitação temporal do estudo situa-se entre o período final da Guerra Fria (década de 1980) e o pós-Guerra Fria (década de 1990), justificando-se pela pertinência do próprio tema e por, potencialmente, poderem oferecer perspectivas distintas. Ainda tivemos em consideração outro critério que foi o volume de informação sobre o tratamento da Guerra Fria nos Manuais Escolares, de forma a inferir se o tratamento deste conteúdo é muito diverso, permitindo fornecer maior consistência ao objeto de estudo. Finalmente, a questão da diversidade editorial também foi tida em conta.

Desenvolvemos uma linha de investigação essencialmente qualitativa, através da análise de conteúdo das fontes mencionadas. Apresentamos, então, duas categorias para a análise de conteúdo dos Manuais, distribuídas por dois níveis de análise – nível interpretativo e nível reflexivo. Estes níveis de análise tiveram inspiração em Cabral¹¹, mas foram igualmente criados com base numa fundamentação teórica de autores como Weinbrenner (1992), Pingel (1999), Choppin (1992) e Hummel (cit. em SANTO, 2006). Apresentamos, de seguida, um quadro com a organização das nossas categorias de análise do Manual.

Quadro 1: Categorias de Análise do Manual Escolar

CATEGORIAS DE ANÁLISE DO MANUAL ESCOLAR		
Tipos de Análise	Nível Interpretativo	<p>1. A Guerra Fria no Manual Escolar</p> <ul style="list-style-type: none"> – Número de páginas do conteúdo Guerra Fria e percentagem no total do número de páginas do Manual – Aspetos essenciais/principais ideias veiculadas no texto informativo sobre a Guerra Fria – Conceitos – Citações – Qualidade dos documentos sobre a Guerra Fria enquanto recurso – Tipo de documentos para o estudo da Guerra Fria – Classificação dos documentos escritos – Tipo de propostas de experiências de aprendizagem para o estudo da Guerra Fria
	Nível Reflexivo	<p>2. Aspetos que chamaram mais a atenção na análise do tema Guerra Fria</p>

Para procedermos à análise dos Programas Escolares também foram definidas três categorias: finalidades/objetivos do ensino da História, componentes do Programa Escolar e rubricas do Programa relacionadas com a Guerra Fria.

¹¹ CABRAL, 2005: 83.

2. AS FONTES

As fontes foram recolhidas no Georg Eckert Institut. Foram analisados 62 Manuais distribuídos por três áreas geográficas da Europa e por 17 países: 9 países da Europa Ocidental, 2 países da Europa do Norte e 6 países da Europa de Leste. Foram analisados 3 Manuais do Chipre, da Turquia e da Grécia, que não abordavam a Guerra Fria para este nível de escolaridade, o que impossibilita a sua inclusão na nossa análise. Esta ausência é reveladora das diferenças na valorização do tema Guerra Fria.

Apresentamos, de seguida, um quadro com a distribuição geográfica dos Manuais e as respetivas quantidades recolhidas para cada uma das décadas de 1980 e de 1990.

Quadro 2: Distribuição Geográfica e quantidade de Manuais Escolares

PAÍSES	QUANTIDADE DE MANUAIS ESCOLARES		
	ANOS DE 1980	ANOS DE 1990	
EUROPA OCIDENTAL	França	5	3
	Portugal	3	3
	Espanha	4	3
	Inglaterra	2	2
	Itália	2	2
	Suíça	1	2
	Holanda	2	2
	RFA	1	–
	Alemanha	–	3
EUROPA DO NORTE	Suécia	2	2
	Finlândia	2	2
EUROPA DO LESTE	URSS	1	–
	Rússia	–	1
	RDA	1	–
	Hungria	1	3
	Polónia	1	3
	Roménia	1	2
Totais	17	29	33

A identificação e a seleção das fontes, segundo os critérios do nível de escolaridade correspondente ao 3.º Ciclo do Ensino Básico português, obrigou-nos a conhecer os organigramas dos sistemas educativos dos vários países selecionados para o estudo. Para além da consulta destes nos manuais da *Eurydice*, que compilam a organização dos sistemas educativos europeus que foram elaborados pela *Eurydice*, também foi muito útil a análise dos organigramas destes sistemas educativos elaborados pelo Georg Eckert Institut, sempre presentes no momento da seleção e recolha das fontes, uma vez que se encontram afixados nos escaparates das prateleiras desta biblioteca.

Relativamente aos Programas Escolares, foram analisados 17 de 9 países, 11 dos quais da Europa Ocidental, 2 da Europa do Norte e 4 da Europa de Leste. O quadro seguinte resume a distribuição geográfica das nossas fontes programáticas e sua quantidade.

Quadro 3: Distribuição Geográfica e quantidade de Programas Escolares

		QUANTIDADE DE PROGRAMAS ESCOLARES	
		DÉCADA DE 1980	DÉCADA DE 1990
EUROPA OCIDENTAL	Portugal	1	1
	Espanha	2	2
	França	-	1
	Inglaterra	-	2
	Itália	1	-
EUROPA DO NORTE	Alemanha	-	1
	Suécia	1	1
EUROPA DO LESTE	RDA	3	-
	Roménia	-	1
Totais		9	9

3. O ENSINO DA GUERRA FRIA NA EUROPA

Começamos por constatar a importância do conteúdo da Guerra Fria nos Manuais dos países em análise, não só pela quantificação do número de páginas dedicadas ao tema, mas também pela seleção de documentos iconográficos, constituindo mesmo um dos temas de preferência na seleção de imagens para a capa de Manuais da década de 1990. Por exemplo, 2 franceses, ambos de 1999, 1 alemão de 1991, 1 finlandês de 1999, 1 sueco de 1996 e 1 húngaro de 1992¹² apresentam as suas capas com imagens da queda do muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria.

É conveniente começar por apresentar as primeiras impressões indutivas do estudo. De todos os Manuais analisados, o Manual único da República Democrática Alemã e os da Alemanha foram os que exigiram mais horas de trabalho, pela quantidade de texto informativo, bem como pelas suas propostas de experiências de aprendizagem e pelos seus documentos. Para a Europa Ocidental, os Manuais que requereram mais tempo de análise foram os da França, de Portugal, da Espanha e da Inglaterra. Relativamente aos países do Norte da Europa, o texto informativo e os documentos encontram-se apresentados de forma sintética. Finalmente, para os restantes países da Europa de Leste, com exceção da RDA, há uma considerável diferença entre um maior volume de informação nos Manuais da década de 1980 comparativamente com a década de 1990, sendo que

¹² MARSEILLE & SCHEIBLING, *dir.*, 1999; IVERNEL, *dir.*, 1999; HOFFMANN & HUG, 1991; EKOMNEM, *et al.*, 1999; ALMGREN, *et al.*, 1996; PÁL, 1992.

estes últimos apresentam os conteúdos organizados numa linha de essencialidade. Também é muito curioso salientar que há uma evolução qualitativa muito acentuada entre os Manuais dos anos de 1980 e os dos anos de 1990 para esta área geográfica, sobretudo ao nível da seleção de fontes e das propostas de exploração das mesmas.

Sem dúvida que podemos afirmar que a Europa se configura em três diferentes áreas em termos de abordagem ao conteúdo da Guerra Fria: uma Europa Ocidental preocupada com uma visão mais mundializante da Guerra Fria; uma Europa do Norte que também desenvolve o conteúdo não apenas centrado na divisão da Europa, mas atribui-lhe um tratamento superficial, simples e até neutro; uma Europa de Leste que se distingue muito nas suas intenções de abordagem do período da Guerra Fria entre as décadas de 1980 e a de 1990, sendo que, por um lado, para a primeira década normalmente não há uma alusão direta à Guerra Fria, mas ao contexto político-militar e económico-social que se vivia nos países do Leste europeu do pós-II Guerra Mundial e, portanto, uma visão fortemente socialista do mundo que se encontrava sob a hegemonia soviética e, por outro lado, para a década de 1990, uma aproximação do desenvolvimento que os países da Europa Ocidental também faziam, ou seja, também recorrendo a uma linha de desenvolvimento de conteúdos de carácter essencialista, mas com uma perspetiva mais abrangente sobre a problemática da Guerra Fria que tinha como pano de fundo o Mundo e não apenas a Europa.

3.1. Programas Escolares e Guerra Fria

Ao proceder à análise da consonância ou do distanciamento dos Programas com os Manuais, pretendeu-se aferir o quanto o Manual é «mais que um meio de aculturação por uma via simétrica, é fator de afirmação e de dominação cultural»^{13/14}.

De uma forma geral, o confronto entre Manuais e Programas/Orientações curriculares permite-nos afirmar que há uma articulação entre a forma como os Manuais Escolares desenvolvem o conteúdo da Guerra Fria e as orientações previstas nos Programas, tendo identificado, por vezes, alguma margem de interpretação do autor em relação ao Programa, sobretudo presente no caso português e francês. A título de exemplo, os Manuais franceses da década de 1990 desenvolvem a Guerra Fria não numa perspetiva de sequência cronológica dos acontecimentos, mas sobretudo uma análise interpretativa da causalidade múltipla da Guerra Fria. Ora, se por um lado, este tipo de abordagem da Guerra Fria coincide com o tipo de recomendações do Programa francês de 1997¹⁵, por outro lado, verificamos que as opções de desenvolvimento do conteúdo indiciam a capacidade de interpretação do autor do Manual em relação ao Programa, pois uns Manuais incidem mais no tratamento de realidades históricas ligadas à Guerra Fria como a guerra da Coreia, a do Vietname ou a crise de Cuba, outros retratam mais a situação do Médio

¹³ Ora em diante, todas as citações apresentadas foram objeto de tradução para a língua inglesa.

¹⁴ MAGALHÃES, 1999: 280-281.

¹⁵ (1997) – *Enseigner au Collège. Histoire-Géographie. Éducation Civique. Programmes et Accompagnement*. Paris: Centre National de Documentation Pédagogique, Ministère de l'Éducation Nationale, de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche, Direction de l'Enseignement Scolaire.

Oriente e da América Latina. Igualmente, há diferenças entre os Manuais no aprofundamento do conteúdo da Guerra Fria. Estes aspetos revelam que há representações diferenciadas dos autores dos Manuais quanto ao destaque que determinados assuntos devem ter no ensino da Guerra Fria.

Nos Programas, apenas os países da Europa Ocidental, como Portugal, Espanha, França e Inglaterra, prescrevem o conteúdo da Guerra Fria, embora a Inglaterra o faça, mas com menos incidência, uma vez que a partir de 1999¹⁶ oferece a possibilidade de opção de tratamento deste conteúdo no conjunto dos conteúdos sobre a história do mundo contemporâneo, destacando, contudo, o tema da Guerra Fria como sendo um dos mais importantes.

Relativamente aos assuntos sobre a Guerra Fria delineados nos Programas da Europa Ocidental, estes recaem sobretudo numa apresentação de duas tendências hegemónicas no Mundo com a formação de dois blocos militares (OTAN e Pacto de Varsóvia); a divisão da Europa; os principais conflitos internacionais relacionados com a Guerra Fria; a evolução económica e política dos dois blocos em confronto; o processo de descolonização da Ásia e de África; a coexistência pacífica e o progressivo desanuviamiento a partir da década de 1970 com a Conferência de Helsínquia.

Do conjunto dos Programas analisados da Europa de Leste, a Roménia foi o único a contemplar, no seu Programa de 1999¹⁷, o conteúdo da Guerra Fria, embora dando sobretudo destaque ao contraste entre o Mundo capitalista e o Mundo socialista, onde apresenta a divisão da Europa, mas sem aprofundamento a nível mundial. Por exemplo, as orientações curriculares da RDA de 1970¹⁸, de 1988¹⁹ e de 1989²⁰ não apresentam a Guerra Fria como conteúdo programático, pois não há uma utilização da expressão «Guerra Fria»; no entanto, este período cronológico é objeto de tratamento. Neste Programa encontra-se de forma clara a pretensão de aquisição de conhecimentos sobre a luta do povo alemão desde a Revolução de Novembro até ao final da 2.ª Guerra Mundial e sobre as tradições revolucionárias neste período. No Programa de 1988, os conteúdos giram em torno da Alemanha; do socialismo na Alemanha como forma de salvação e de liberdade dos Alemães e o seu contributo na expansão a nível mundial. Senão, vejamos a título de exemplo, a seguinte afirmação do Programa de 1988^{21/22}:

Aquirem conhecimentos sobre o conteúdo e objetivos da política das potências imperialistas e sobre a Guerra Fria e tomam consciência do perigo que esta política significa para a paz.

16 (1999) – *The National Curriculum, Handbook for primary teachers in England*, Key Stages 1 and 2. Londres: Department for Education and Employment, Qualifications and Curriculum Authority, HMSO.

17 (1999) – *Curriculum National. Programe Scolare Pentru Clasele a V-a – a VIII-a, Aria Curriculara Om si Societate*, Bucureste, Ministerul Educatiei Nationale, Consiliul National pentru Curriculum.

18 (1970) – *Der Lehrplan Geschichte, Klasse 9*. RDA.

19 (1988) – *Lerplan Geschichte, Klassen 5 bis 10*. Berlin: Ministerrat der Deutschen Demokratischen Republik Ministerium für Volksbildung, Volk und Wissen.

20 KRAUSE, et al. (1989) – *Erläuterung des Lerplanes Geschichte*. Berlin: Akademie der Pädagogischen Wissenschaften der Deutschen Demokratischen Republik, Volk und Wissen, Volkseigener Verlag.

21 Daqui em diante, optámos por traduzir todas as citações de Programas Escolares e Manuais, exceto os que se encontravam em língua inglesa, francesa e espanhola.

22 (1988) – *Lerplanes Geschichte*. Berlin: Ministerrat der Deutschen Demokratischen Republik Ministerium für Volksbildung, Volk und Wissen, p. 79.

Nas orientações curriculares de 1989 são salientados três aspetos essenciais no ensino da História para este período: a brutalidade do poder do Fascismo na Alemanha; o reforço da luta do KPD e a abordagem global dos comunistas, sociais-democratas, cristãos e de outras forças na resistência antifascista; a luta da URSS para evitar uma nova guerra mundial e para a manutenção da paz. Já o Programa de 1970, que vigorou até 1988, havia estabelecido, como aspetos nucleares da aprendizagem, o estudo da passagem do capitalismo para o socialismo. Também ambas as orientações curriculares de 1988 e de 1989 da RDA consideram que o envolvimento emocional dos alunos com os conhecimentos adquiridos é uma das estratégias fundamentais, sobretudo o envolvimento emocional com a RDA. Este aspeto é de tal forma relevante no ensino da História que o Programa de 1989²³ apresenta as seguintes orientações metodológico-didáticas:

... aulas concretas, vibrantes, intensas em termos de formação de imagens conceptuais. A disciplina de História deve ser contada de forma gráfica e a produzir um efeito emocional.

Nas orientações curriculares de 1988 da RDA é mesmo afirmado que deve ser desenvolvido no aluno um sentimento de orgulho, de confiança no SED e de simpatia pela URSS, bem como um reconhecimento da enfermidade e dos atos criminosos do Imperialismo. O professor deve fazer valer a sua palavra e a sua visão sobre os temas, aplicando mesmo uma linguagem gestual e corporal, para que os alunos lhes atribuam o significado pretendido. Com tudo isto, o aluno será capaz de formar uma posição político-ideológica orientada.

Finalmente, para a Europa do Norte apenas tivemos possibilidade de analisar o caso da Suécia, que nada contempla sobre a Guerra Fria nos seus Programas.

Para além da variação da importância do conteúdo da Guerra Fria no conjunto dos conteúdos programáticos dos vários países analisados, verifica-se também que este apresenta um grau de aprofundamento maior nos Programas da década de 1980 do que nos de 1990. Pelo contrário, dos Programas analisados para a Europa de Leste, da RDA e da Roménia, o primeiro caso para a década de 1980 e o segundo caso para a década de 1990, verifica-se que nos anos de 1980 não há alusão específica ao tema da Guerra Fria nos Programas, mas sim um girar em torno do socialismo; e já nos anos de 1990 há uma concretização do tema Guerra Fria como conteúdo programático para a Roménia.

3.2. As representações da Guerra Fria nos Manuais Escolares

Encontramo-nos no momento de verificarmos como os Manuais «assinalam determinados conhecimentos e ignoram ou silenciam outros», nas palavras de Magalhães²⁴, e que continua, afirmando que «o livro escolar não apenas contém um critério de verdade como ele próprio representa e é interpretado como sendo a verdade». Trata-se de olhar o manual numa perspetiva cultural.

²³ KRAUSE, *et al.*, 1989: 13.

²⁴ MAGALHÃES, 1999: 283.

Wirth²⁵ aponta o período da história contemporânea e o campo da história política como sendo o mais suscetível de abuso para a sua distorção no ensino, explicando este facto da seguinte forma:

The temptation to censor or distort is particularly strong in that the events are recent and still have some currency. This applies to undemocratic countries, but also to democratic ones. [...] The history of the present, where eye-witnesses to the events are still alive, is for that very reason a sensitive matter. There may be contradictory memories and it may be difficult to face up to history calmly and collectedly. [...] All fields of history run the risk of abuse. Political history is, naturally, the main area affected [...].

Será que a Guerra Fria é um conteúdo que oferece alteridade nos Manuais Escolares? Houve tratamentos abusivos deste conteúdo? Para chegarmos a conclusões, traçamos os seguintes critérios de análise de conteúdo do texto informativo e das fontes sobre a Guerra Fria no Manual Escolar:

- a questão da imparcialidade do autor face ao conflito Este-Oeste;
- a emissão de opinião pessoal do autor do Manual em relação à Guerra Fria que revela tendenciosidade do autor e, portanto, um posicionamento na defesa de um dos blocos da Guerra Fria;
- a intenção de desenvolvimento da multiperspetiva em História pela apresentação das posições ideológicas de cada um dos blocos;
- as características do texto informativo de acordo com diferentes tipos de texto – textos narrativos; textos descritivos; textos argumentativos; e textos explicativos.

Vamos, então, de seguida, lançar o nosso olhar sobre a realidade de ensino acerca do tema da Guerra Fria, de acordo com as três áreas geográficas que temos vindo a trabalhar – Europa Ocidental, Europa do Norte e Europa do Leste.

Europa de leste

Começamos por afirmar a nossa concordância com a afirmação de Foster e Crawford²⁶: «Nations rarely tell “the truth” about themselves», confirmada na nossa investigação. Esta afirmação tem contudo um peso maior para os países de regime totalitário da década de 1980, ou seja, para toda a área geográfica da Europa de Leste.

O Manual da República Democrática Alemã²⁷, que é Manual único, tem sobretudo a preocupação de salientar as ideias veiculadas pelo regime político do seu país. Descreve os acontecimentos sempre numa perspetiva de defesa deste modelo político, veiculando sempre a ideia de luta contra o fascismo. A linguagem e a forma literária com que o autor escreve tende a ser parcial, utilizando frequentemente a adjetivação, apelando à comoção e à empatia com as ideias que se pretendem veicular. Parece haver toda uma intenção de influenciar

²⁵ WIRTH, 2000: 48.

²⁶ FOSTER & CRAWFORD, 1988: 6.

²⁷ BLEYER, *et al.*, 1988.

pensamentos, ideias e condutas, demarcando sempre a ideologia imposta: antifascista, anti-imperialista, anticapitalista, em prol dos trabalhadores... Apresenta mesmo um conjunto de termos constituídos por expressões marcadamente anticapitalistas que nunca apareceram em qualquer outro Manual de outros países europeus, tais como «adversário monopolista-capitalista» e «política de ocupação imperialista». A URSS surge como sendo a grande libertadora do Mundo em relação ao fascismo, sendo a maioria dos documentos escritos testemunho da «proeza» da ajuda soviética. A perspetiva que o Manual apresenta sobre o Mundo Ocidental, principalmente em relação aos EUA, é muito negativa, apresentando-os como os grandes «culpados» e o Mundo socialista o verdadeiro libertador.

Por um lado, temos Manuais como o da Polónia de 1984²⁸, que apesar de não fazer uma abordagem direta à Guerra Fria, não deixa de aludir a alguns dos seus principais acontecimentos, embora sobretudo centrando o ensino na evolução do Mundo socialista e da situação interna deste país, procurando vincar a importância do socialismo no Mundo. Porém, fá-lo sem a viva expressão de ataque ao mundo ocidental, ou seja, aplica uma linguagem discreta e sem um claro posicionamento de tom mais pessoal. Por outro lado, a Hungria aplica uma linguagem tendenciosa de defesa exclusiva do ideal socialista e de ataque à ordem capitalista, no Manual de 1984²⁹, salientando a vitória das democracias populares como forma de proteção contra a «velha ordem», o capitalismo, com alusão aos anos da Guerra Fria. Também o Manual romeno de 1980³⁰ utiliza uma linguagem adjetivada, apresentando afirmações numa clara posição contrária ao sistema capitalista, sobretudo encabeçada numa crítica aos EUA e uma contínua apologia ao sistema socialista. Vejam-se as seguintes afirmações (p. 168):

Nos países ocupados pela Alemanha hitleriana, tal como nos países aliados desta, as classes reacionárias da alta burguesia e dos proprietários apoiaram os fascistas traindo, assim, a causa da independência nacional e o interesse das populações.

O endoutrinamento está bem presente em todo o texto informativo do Manual, nunca aludindo aos conflitos internacionais que se desenvolveram no período da Guerra Fria como tensões que revelavam ideologias opostas entre as duas principais potências, mas tão simplesmente uma atitude de ajuda dos países socialistas para com os países que estavam a viver um palco de guerra, motivada pela intervenção americana imperialista.

Também para o caso da URSS, constatamos a veracidade das afirmações de um estudo de Husband³¹ sobre os Manuais Escolares da URSS entre 1985 e 1989, em que menciona que, apesar de se enquadrarem no período de abertura da Perestroika e do Glasnost, ainda não se faziam sentir as novas orientações curriculares e alterações significativas nos Manuais:

²⁸ SZCZESNIAK, 1984.

²⁹ BÍRÓ, 1984.

³⁰ ALMAS, *et al.*, 1980: 168.

³¹ HUSBAND, 1991: 463; 464.

The policy of Glasnost nevertheless did not lead to dramatic developments in the fields of history and history education before 1987. [...] Moreover, Glasnost caught professional historians unprepared.

Desta forma, concluímos que a História que se ensinou sobre a Guerra Fria na Europa de Leste, durante a década de 1980, foi parcial e até distorcida, por vezes, até ficcional, sendo escrita no Manual a partir de uma seleção cultural, ideológica e política. Este aspeto é de tal forma visível que podemos afirmar que a disciplina de História foi utilizada nestes países para promover ideologias específicas e ideias políticas.

Contudo, produziram-se profundas alterações nos Manuais da Europa de Leste a partir dos anos de 1990. Por exemplo, no caso da Polónia, os Manuais passam a desenvolver questões que até aqui nunca o tinham feito, como, por exemplo, a alusão a medidas para a procura do desanuviamento entre os EUA e a URSS, com a Conferência de Helsínquia, ou a referência à crise dos mísseis, como é o caso do Manual de 1997³². Verifica-se que houve um alargamento do desenvolvimento de conteúdos ligados mais diretamente à Guerra Fria, com uma clara alusão aos fatores que prepararam a divisão do mundo em dois blocos, ou seja, aos planos económicos e às alianças militares. Contudo, os conteúdos continuam muito ligados à história nacional com a sua integração na história europeia e mundial, mas de forma muito superficial. No caso da Hungria, começamos pelo Manual de 1990³³, muito sintético, em que praticamente indicava apenas os principais acontecimentos da Guerra Fria, para progredir para um maior desenvolvimento do conteúdo no Manual de 1992³⁴, constatando mesmo um acentuar da imparcialidade dos autores à medida que avançamos na década de 1990, por exemplo no Manual de 1998³⁵, em que o autor faz a descrição dos acontecimentos, sem apresentar o seu ponto de vista sobre os assuntos. Também os Manuais romenos da década de 1990 apresentam uma estrutura didática e concetual completamente diferente do Manual de 1980, abordando a problemática da Guerra Fria na mesma perspetiva que os Manuais da área ocidental da Europa, aplicando uma linguagem imparcial, apenas de relato dos acontecimentos que se desenvolveram no período do pós-guerra que conduziram a um «sistema bipolar», expressão aplicada no Manual de 1999³⁶. Não há qualquer tentativa de endoutrinamento político contrariamente ao Manual de 1980, que procurava a toda a força demonstrar as virtudes do socialismo como o único regime democrático.

De facto, encontramos espelhada, nos Manuais da Europa de Leste, a grande mudança produzida a partir de Revolução de 1989, com uma alteração total na representação da Guerra Fria ou do período em que se insere a Guerra Fria, aspeto que condiz com os desenvolvimentos produzidos nos primeiros anos do pós-Guerra Fria nos países da Europa de Leste, por exemplo, como é o caso do território da ex-República Democrá-

³² SZCZESNIAK, 1997.

³³ MÁTYÁS, 1990.

³⁴ PÁL, 1992.

³⁵ MÁTYÁS, 1998.

³⁶ OANE & OCHESCU, 1999.

tica Alemã, que encontramos bem retratado no relato de Zückert³⁷, a propósito dos desenvolvimentos que se tiveram de produzir neste território após a unificação alemã:

[...] – The aim will be to reach a balance between world, national and regional history; political, economic and cultural history should go together.

– No taboo should be left; areas ignored in previous history teaching should now be covered.

What matters is to give a pluralistic view of history, safeguarding freedom of teaching and avoiding imposed indoctrination.

Ora, por um lado, os aspetos que acabamos de citar de Zückert (1992), que necessitavam de alteração, encontram-se de forma bem clara nos Manuais da Europa de Leste da década de 1980 e, por outro lado, as mudanças que se pretenderam introduzir com o fim da Guerra Fria, aqui transcritas, são bem visíveis nos Manuais da Europa de Leste da década de 1990.

Europa Ocidental

A manipulação da história da Guerra Fria não se confina aos países da Europa de Leste, de feições totalitárias. Embora numa escala muito menor do que na Europa de Leste dos anos de 1980, a Europa Ocidental, de cultura democrática, selecionou e estruturou o conteúdo da Guerra Fria à volta de determinados objetivos de natureza cultural, socioeconómica e ideológica, numa tentativa de defesa de princípios capitalistas. Mas sem dúvida que a imparcialidade e até a multiperspetiva esteve bem mais presente nos Manuais. Por exemplo, constatamos isso nos Manuais franceses de 1980³⁸ e de 1984³⁹, através das seguintes citações que expõem os acontecimentos de cada bloco:

Toute tentative neutraliste est suspecte; aux excès «staliniens» dans le monde communiste correspond la «chasse aux sorcières» chez les Américains.

Les États-Unis craignent l'expansion communiste et se proclament les défenseurs de la liberté. L'URSS redoute l'encerclement par les pays capitalistes et combat le capitalisme.

O mesmo ocorre em Manuais portugueses. A comprová-lo, transcrevemos algumas afirmações dos Manuais de 1989⁴⁰ e de 1996⁴¹:

De facto, em nome da defesa do capitalismo e do comunismo, os dois «grandes» opõem-se com tal violência, que cavam uma profunda divisão entre o Ocidente e o Leste da Europa.

Os EUA denunciavam o expansionismo soviético como uma ameaça para o «mundo livre». A URSS, por sua vez, considerava-se cercada pelo imperialismo dos Estados Unidos, que punha em perigo a sobrevivência e o alastramento da revolução comunista.

³⁷ ZÜCKERT, 1992: 131.

³⁸ BRIGNON, *et al.*, 1980: 147.

³⁹ FOURNIER, *et al.*, 1984: 118.

⁴⁰ BARREIRA & MOREIRA, *et al.*, 1989: 123.

⁴¹ DINIZ, *et al.*, 1996: 168.

Para o caso da Espanha, verifica-se que os autores não apresentam uma perspetiva de favorecimento da facção americana quando estão a desenvolver os conteúdos. Por exemplo, chegam mesmo a fazer afirmações como a seguinte nos Manuais de 1986⁴² e de 1989⁴³:

En el período comprendido entre febrero y junio de 1948, los ocupantes americanos, secundados por los británicos y los franceses, decidieron organizar la parte de Alemania que quedaba bajo su control militar sin consultar para nada a los rusos.

Os Manuais ingleses são caracterizados pela descrição e pela narração pormenorizada dos acontecimentos, inserindo fontes escritas como fundamentações para a narração que se está a desenvolver, facto este inédito na construção dos textos informativos dos Manuais de outros países. Na maioria dos Manuais, nos autores não há total imparcialidade sobre este processo histórico, exceto no Manual de 1987⁴⁴. Por exemplo, no Manual de 1989⁴⁵, este aspeto é muito visível, até mesmo pela utilização de pontos de exclamação em determinadas afirmações do autor, que sugerem alguma ironia ou até sarcasmo. Senão, vejamos algumas dessas afirmações:

The Russians were suspicious, even afraid, of this new relationship between China and the USA. It made them even keener to reach an arms agreement with the US government. (This was probably one reason why the Americans became more friendly with China in the first place!)

Os Manuais italianos abordam os lados mais negativos de cada uma das facções intervenientes na Guerra Fria, falando na «psicose anticomunista» dos EUA com a caça às bruxas e, para o bloco soviético, na repressão às dissidências soviéticas. Atendamos ao Manual de 1982⁴⁶:

Da colaboração efetiva das duas superpotências podiam derivar resultados grandiosos, suficientes para resgatar o mundo inteiro da miséria e da fome: se pensarmos apenas no imenso capital que poderia ter sido empregue no investimento produtivo, em vez de no armamento sempre mais terrificante. Mas na realidade a coexistência pacífica foi determinada não tanto pela vontade de unir os recursos técnico-científicos das duas superpotências para colocar ao serviço da humanidade, mas para estabelecer um «equilíbrio pelo terror».

Os Manuais holandeses também procuram apresentar as perspetivas de cada uma das facções, neles encontrando um apelo ao desenvolvimento de uma consciência histórica crítica com base num trabalho da multiperspetiva em História. Por exemplo, o Manual de 1994⁴⁷ dedica páginas à «Imagem do inimigo na Guerra Fria» com «visão da União Soviética»

⁴² FERNÁNDEZ, A., et al., 1986.

⁴³ FERNÁNDEZ, A., et al., 1989: 229.

⁴⁴ MILLS, 1987.

⁴⁵ SCOTT-BAUMANN, et al., 1989: 165.

⁴⁶ CAMERA, A., 1982: 337.

⁴⁷ DALHUISEN, et al., 1994: 35; 39.

tica» e outras páginas com diferentes opiniões do Mundo Ocidental sobre a Guerra Fria. Também no Manual de 1986⁴⁸, o autor selecionou um conjunto de fontes iconográficas, caricaturas, BDs e notícias de jornais russos, que satirizam o Ocidente neste contexto de Guerra Fria, assumindo no texto informativo, que nem por isso significava que pretendesse apresentar uma representação marxista-leninista da História, mas tão simplesmente a intenção de possibilitar uma visão multiperspetiva da realidade histórica.

Por sua vez, igualmente os Manuais suíços caracterizam-se por uma representação isenta dos acontecimentos e processos históricos da Guerra Fria, não privilegiando uma perspetiva americanista, chegando mesmo a afirmar num Manual de 1994⁴⁹:

Objetivos dos EUA: Um mundo em paz dentro do modelo americano. Em vez de «um mundo», dois blocos inimigos – assim começou a política americana de «contenção do perigo comunista».

Na República Federal Alemã não parece haver uma tendência de qualquer endoutrinação, embora haja uma propensão para o estabelecimento de comparações entre a perspetiva Ocidental/Oriental, RFA/RDA e alguma intenção para o desenvolvimento de narrativas históricas críticas, que procuravam exercitar sobretudo a reflexão. A título de exemplo, transcrevemos do Manual de 1985⁵⁰:

Com isto, surgiu a primeira diferença oficial no tratamento das zonas; os soviéticos começaram a apelar para os seus privilégios com a transformação da sua zona, que, para além de se tornar economicamente mais forte do que as zonas ocidentais, adicionalmente se tornou uma democracia popular de base comunista.

Na Alemanha dos anos de 1990, verificou-se uma preocupação em apresentar as representações e as posições assumidas por cada um dos blocos, sem preferência de salvaguardar uma perspetiva mais positiva para o lado ocidental. A citação que se segue é, mais uma vez, demonstrativa desta posição de imparcialidade e de mobilização da informação mais atual da investigação historiográfica, mesmo que tal não salvaguarde uma opinião mais positiva acerca do bloco ocidental. A seguinte afirmação do Manual de 1992⁵¹ situa-se num contexto de apresentação da proposta soviética de a Alemanha ocupar uma posição neutra e as reações a essa proposta:

Hoje, alguns escritores emitem a opinião de que se deixou passar a oportunidade de reunificação, porque se acreditava que a neutralização de uma Alemanha reunificada iria ameaçar a segurança na Europa Ocidental. Para a Áustria veio a revelar-se, três anos depois, a solução em direção a um Estado neutro livre.

⁴⁸ DALHUISEN, *et al.*, 1986.

⁴⁹ MEYER & SCHNEEBELI, 1994.

⁵⁰ GOERLITZ & IMMISCH, 1985: 146; 154.

⁵¹ BIRK, *et al.*, 1992: 220.

Europa Nórdica

Todos os Manuais suecos e finlandeses analisados possuem uma característica comum: uma forte neutralidade dos autores face ao conflito Este-Oeste. Procura apresentar sempre as representações de ambas as fações do conflito. A afirmação que se segue, do Manual sueco de 1981⁵², é mais uma vez demonstrativa desta posição de isenção do autor sobre a Guerra Fria:

As duas superpotências lutaram uma contra a outra de muitas maneiras. Elas conduziram uma intensa propaganda, desenvolveram pressão económica e ameaçaram mais ou menos explicitamente com a guerra.

O autor não tem a preocupação em interpretar a realidade histórica, mas tão simplesmente de a descrever. Porque será que os Manuais revelam essa forte neutralidade face ao conflito Este-Oeste? Um estudo de Holmèn⁵³ sobre o efeito que as políticas de Negócios Estrangeiros tiveram na Noruega, na Suécia e na Finlândia durante a Guerra Fria revela-nos as causas desta forma de tratamento do conteúdo da Guerra Fria, confirmando, assim simultaneamente, as nossas conclusões para a área geográfica da Europa do Norte:

All the Nordic countries were democracies with market economies, and culturally were part of the Western tradition. For geographical alliance and political reasons, however, their relations with the emerging system of blocs varied considerably. [...] In Sweden, textbooks altered in step with the vagaries of foreign policy during the Cold War. [...] The textbooks' sudden changes are linked to the Swedish policy of neutrality, with its ever-changing centre of balance that reflected alterations in the superpowers' relationship and Sweden's own need for help. Neutrality demanded that Sweden give an impression of neutrality while at the same time [...] attempting to win the USA's trust if they were to count on American help in a crisis. [...] This is most evident in cold-war Finland, where textbooks were strongly influenced by the country's efforts to win the Soviet Union's trust. Finnish foreign policy took it as read that they had to show goodwill to their eastern neighbour, and textbooks were one of the media in which this was on display. In order to combine friendliness towards the Soviet Union with the demands of neutrality, the Finns were forced to adopt an ever more uncritical approach towards the USA as well, reaching a nadir in the 1980s.

III. CONCLUSÃO

O nosso grande interesse foi a análise do «discurso» produzido pelos Manuais Escolares de História, uma vez que estes detêm um papel fulcral no ensino e na aprendizagem. Sem dúvida que os Manuais nos providenciam o contexto crucial para analisarmos a inter-relação de poder e cultura. A nossa análise sobre as representações da Guerra Fria, em

⁵² (1981) – *Historia 3*. Estocolmo: Liber Läromedel, Parasoll: 157.

⁵³ HOLMÈN, 2006: 337; 341.

cada uma das áreas geográficas da Europa, trouxe-nos a oportunidade de confirmar a ideia de alteridade que o Manual Escolar de História pode conter e certamente este conceito não será alheio na formação da consciência histórica. Esta investigação revelou-nos um pouco de cada nação na medida em que verificamos um dos processos «through which states socially construct images of themselves for national and international consumption by re-negotiating and re-inventing their pasts»⁵⁴.

Assim, verificamos que o desenvolvimento dos conteúdos sobre a Guerra Fria foi-se modificando entre as décadas de 1980 e 1990, sobretudo na Europa de Leste, facto que se encontra diretamente relacionado com a alteração de regime político que esta área geográfica da Europa sofreu a partir de 1989, mantendo-se de forma mais estável na Europa Ocidental e na Europa Nórdica.

Ora, o uso da História foi tido em conta de forma bem diferenciada: uma Europa Ocidental e uma Europa Nórdica que utilizou a História de uma maneira que consideramos «positiva» e uma Europa de Leste que fez um falso aproveitamento da História. Este falso aproveitamento foi realizado em proveito dos regimes autoritários dos países desta área geográfica, durante a década de 1980, aquilo que Lilletun⁵⁵ designa por «the massive misuse of history in communist eastern Europe».

Por tudo isto, podemos afirmar que a História, para além da sua vocação científica, também tem uma função *terapêutica* e até *militante*. Este último aspeto tem sido constatado sobretudo nas manipulações da história da Guerra Fria praticadas pelos países da Europa de Leste na década de 1980 e foi dominante para a formação da consciência histórica dos jovens desta área geográfica através do Manual Escolar.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, L. A. M. (2002) – *História: da função social às competências individuais*. In *O Ensino da História*, Boletim (III série), n.ºs 21-22. Lisboa: A.P.H. – Associação de Professores de História, p. 44-46.
- APPLE, M.; CHRISTIAN-SMITH, L. (1991) – *The Politics of the Textbook*. Nova Iorque: Routledge.
- BARCA, I. (2001) – *A Educação Histórica na Sociedade de Informação*. «O Ensino da História», Boletim (III série), n.º 19-20. Lisboa: A.P.H. – Associação de Professores de História, p. 35-42.
- BLOCH, M. (s.d.) – *Introdução à História*. 4.ª ed. Lisboa: Pub. Europa-América.
- CABRAL, M. (2005) – *Como analisar Manuais Escolares*. Col. «Educação Hoje». Lisboa: Texto Editores.
- CAIRE-JABINET, M.-P. (2008) – *Introduction à l'Historiographie*. 2.ª ed. Paris: Armand Colin.
- CARVALHO, A.; FADIGAS, N. (2007) – *O Manual Escolar no Século XXI – Estudo Comparado da Realidade Portuguesa no Contexto de Alguns Países Europeus*. Porto: ORE – Observatório dos Recursos Educativos.
- CASPARD, P. (1995) – *International Guide for Research in the History of Education*. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique.
- CHOPPIN, A. (1999) – *Les Manuels Scolaires de la Production aux modes de Consommation*. In CASTRO, Rui, Rodrigues, A., SILVA, J., SOUSA, Maria de Lourdes, org. – *Manuais Escolares – Estatuto, Funções, História*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho, p. 3-17.
- (1992) – *Les Manuels Scolaires: Histoire et Actualité*. Paris: Hachette Education.

⁵⁴ FOSTER & CRAWFORD, 1988: 6.

⁵⁵ LILLETUN, 2000: 107.

- DAGORN, R.-É. (2008) – *Big History et Histoire Environnementale*. In *Histoire Globale. Un autre regard sur le monde*. Auxerre Cedex: Éditions Sciences Humaines, p. 189-195.
- FOSTER, S. J.; CRAWFORD, K. A. (1988) – *What shall we tell the Children? International Perspectives on School History Textbooks*. Nova Iorque: MacMillan.
- FONTAINE, A. (2004) – *La guerre froide 1917-1991*. Paris: Éditions de La Martinière.
- FOUCAULT, M. (1997) – *A Ordem do Discurso*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- GAGO, M. (2007) – *Consciência histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores*. Dissertação de Doutoramento em Educação – Área de Conhecimento de Metodologia do Ensino da História e das Ciências Sociais. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- GÉRARD, F.; ROEGIERS, X. (1998) – *Conceber e Avaliar Manuais Escolares*. Porto: Porto Editora.
- GRATALOUP, C. (2008) – *Des Mondes au Monde: la Géohistoire*. In *Histoire Globale. Un autre regard sur le monde*. Auxerre Cedex: Éditions Sciences Humaines, p. 197-205.
- HOLMÈN, J. (2006) – *Political textbooks: the depiction of the USA and the Soviet Union in Norwegian, Swedish, and Finnish schoolbooks during the Cold War*. In *Studia Historica Upsaliensia* 221. Uppsala Universitet, Estocolmo: Elanders Gotab, p. 337-347.
- HUSBAND, W. B. (1991) – *Secondary School History Texts in the USSR: Revising the Soviet Past, 1985-1989*. In *Russian Review*. vol. 50. Ithaca Harbors, Inc.: The Ohio State University Press, p. 458-480.
- HUSBANDS, C. (1996) – *What is History Teaching? Language, ideas and meaning in learning about the past*. Buckingham-Filadélfia: Open University Press.
- IDRISSI, M. H. (2005) – *Pensée Historienne et apprentissage de l'Histoire*. Paris: L'Harmattan.
- LAUTIER, N. (1997) – *À la Rencontre de l'Histoire*. Paris: Éducation et Didactiques, Septentrion Presses Universitaires.
- LILLETUN, J. (2000) – *The role of history in school: a Norwegian perspective*. In *The misuses of History*. Symposium on «Facing misuses of History» in Oslo 28-30 June 1999: Council of Europe Publishing, p. 105-110.
- LOW-BEER, A. (1997) – *The Council of Europe and School History*. Strasbourg: Council of Europe CC-ED/HIST (98)47.
- MAGALHÃES, J. (1999) – Um apontamento para a história do manual escolar entre a produção e a representação. In CASTRO, R.; RODRIGUES, A.; SILVA, J.; SOUSA, Maria Lourdes, org. – *Manuais Escolares – Estatuto, Funções, História*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho, p. 279-301.
- (2007) – *O Manual Escolar no Quadro da História Cultural – Para uma historiografia do manual escolar em Portugal*. Disponível em <<http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=1&p=10>>. [Consulta realizada em 21/04/2007].
- MAGALHÃES, O. (2002) – *Concepções de História e de Ensino da História. Um estudo no Alentejo*. Col. «Biblioteca – Estudos & Colóquios», n.º 5. Lisboa: Edições Colibri e CIDEHUS – Universidade de Évora.
- MATOZZI, Ivo (1998) – *A história ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva*. In «Revista O Estudo da História», n.º 3. Actas do Congresso. O Ensino da História: problemas da didáctica e do saber histórico. Braga.
- MIKK, J. (2000) – *Textbook: Research and Writing*. Frankfurt. Peter Lang Europäischer Verlag der Wissenschaften.
- MONIOT, H. (1993) – *Didactique de l'Histoire*. Col. «Perspectives Didactiques». Paris: Éditions Nathan.
- MORAND, B. (2008) – *La guerre froide dans les manuels scolaires français des années soixante à nos jours: une recomposition douloureuse de l'histoire de l'Europe et du monde*, In *Revista Tréma – Guerres et conflits dans les manuels et dans l'enseignement: interprétations, représentations*. n.º 29. IUFM de l'Académie de Montpellier, p. 49-62.
- NICHOLLS, J. (2006) – *School History Textbooks across Cultures, International Debates and Perspectives*. Oxford: Oxford Studies in Comparative Education, Symposium Books.
- PAIS, José Machado (1999) – *Consciência Histórica e Identidade. Os Jovens Portugueses Num Contexto Europeu*, Secretaria de Estado da Juventude, Estudos sobre a Juventude/2, Observatório Permanente da Juventude Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1999.

- PINGEL, F. (1999) – *UNESCO Guidebook on Textbook Research and Textbook Revision*. Georg Eckert Institut/United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- PINTASSILGO, J.; ALVES, L.; CORREIA, L.; FELGUEIRAS, M., org. (2007) – *A História da Educação em Portugal – Balanço e perspectivas*. Porto: Edições ASA.
- RAUDSEPP, A.; HIIEMA, K. (2013) – *The image of the Other: The example of the Russians and the Germans on the basis of the analysis of Estonian History Textbooks*. In *Yearbook Annales International Society for History Didactics*. WOCHENSCHAU Verlag, p. 45-55.
- SANTO, E. (2006) – *Os manuais escolares, a construção de saberes e a autonomia do aluno. Auscultação a alunos e professores*. In «Revista Lusófona de Educação», n.º 8, p. 103-115.
- SEGUIN, R. (1989) – *L'élaboration des manuels scolaires*. UNESCO – Division des Sciences de l'Éducation, Contenus et Méthodes de l'Éducation.
- SOUTOU, G.-H. (2001) – *La Guerre de Cinquante ans. Les relations Est-Ouest 1943-1990*. Paris: Fayard.
- TORMENTA, J. R. (1996) – *Manuais Escolares: Inovação e Tradição?* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- VIAL, J.; MIALARET, G. (1987) – *História Mundial da Educação*. Porto: Rés-Editora.
- WEINBRENNER, P. (1992) – *Methodologies of Textbook Analysis used to date*. In *History and Social Studies – Methodologies of Textbook Analysis*. Report of the Educational Research Workshop held in Braunschweig, 1990. Amesterdão, Conselho da Europa: Swets & Zeitlinger B.V., p. 21-34.
- WIRTH, L. (2000) – *Facing misuses of history*. In *The misuses of History*. Symposium on «Facing misuses of History» in Oslo 28-30 June 1999. Council of Europe Publishing, p. 23-56.
- ZÜCKERT, U. (1992) – *The soft Revolution in the GDR and Revolutionary Changes in History Teaching*. In *History and Social Studies – Methodologies of Textbook Analysis*. Report of the Educational Research Workshop held in Braunschweig, 1990. Amesterdão, Conselho da Europa: Swets & Zeitlinger B.V., p. 130-132.

FONTES

- (1970) – *Der Lehrplan Geschichte*, Klasse 9. RDA.
- (1981) – *Historia 3*. Estocolmo: Liber Läromedel, Parasol.
- (1988) – *Lerplan Geschichte*, Klassen 5 bis 10. Berlin: Ministerrat der Deutschen Demokratischen Republik Ministerium für Volksbildung, Volk und Wissen.
- (1997) – *Enseigneur au Collège. Histoire-Géographie. Éducation Civique. Programmes et Accompagnement*. Paris: Centre National de Documentation Pédagogique, Ministère de l'Éducation Nationale, de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche, Direction de l'Enseignement Scolaire.
- (1999) – *The National Curriculum, Handbook for primary teachers in England*, Key Stages 1 and 2. Londres: Department for Education and Employment, Qualifications and Curriculum Authority, HMSO.
- (1999) – *Curriculum National. Programe Scolare Pentru Clasele a V-a a VIII-a, Aria Curriculura Om si Societate*, Bucareste, Ministerul Educatiei Nationale, Consiliul National pentru Curriculum.
- ALMAS, Dumitru; NICOARA, Ion; VIANU, Alexandru (1980) – *Istorie Universala Moderna Si Contemporana*, Clasa Vlla. Bucareste: Editura Didactica si Pedagogica.
- ALMGREN, Hans; ALMGREN, Birgitta, et al. (1996) – *Historia*. Gleerups.
- BARREIRA, Aníbal; MOREIRA, Mendes (1989) – *História Activa 3. Da Guerra de 1914/ 1918 aos Nossos Dias*, 9.º ano de escolaridade. Porto: Ed. ASA.
- BIRK, Giselher, et al. (1992) – *Geschichte und Geschen 10*. Erns Klett Schulbuchverlag.
- BÍRÓ, Ferencné (1984) – *Történelem és állampolgári ismeretek 8*. Budapest: Lehrbuchverlag.
- BLEYER, Wolfgang; GOTSCHLICH, Helga; HASS, Gerhart; HÜBNER, Peter (1988) – *Geschichte 9*. Berlin: Volk und Wissen Volkseigener Verlag.
- BRIGNON, Jean, et al. (1980) – *Histoire Géographie 3º*. Paris: Hatier.
- CAMERA, A. (1982) – *Umanità e Sviluppò 3*. Mailand: Principato.
- DALHUISEN, et al. (1986) – *Sprekend Verleden. Een geschiedenis van de wereld*, Deel 3 – basis. Rijswijk: Njgh & Van Ditmar Educatief.

- (1994) – *Sprekend Verleden*, Bovenbouw HAVO/VWO. Rijswijk: Njigh & Van Ditmar Educatief.
- DINIZ, Maria Emília, et al. (1996) – *História* 9. Lisboa: Editorial O Livro.
- EKOMNEM, Jouni; KULJU, Vilho, et al. (1999) – *Ihmisen Tiet, Kansainvälistet suhteet*. Helsinki: Otava.
- FERNÁNDEZ, A., et al. (1986) – *Ciencias Sociales. Nuevo País* 8. Galicia. 1.ª ed. Barcelona: Editorial Vicens-Vives.
- (1989) – *Ciencias Sociales* 8. Galicia. 1.ª ed. Barcelona: Editorial Vicens-Vives.
- FOURNIER, Christian, et al. (1984) – *Histoire Géographie* 3^e. Col. «Jeannine Guigue». Paris: Bordas.
- GOERLITZ, Herausgegeben von Erich; IMMISCH, Joachim (1985) – *Zeiten und Menschen*, Band 4. Schöningh: Schroedel.
- HOFFMANN, Von Joachim; HUG, Wolfgang (1991) – *Geschichtliche Weltkunde Klasse 10*. Frankfurt am Main: Verlag Moritz Diesterweg.
- IVERNEL, Martin, dir. (1999) – *Histoire Géographie* 3^e. Hatier.
- KRAUSE, Anne-Dore; KRUPPA, Reinhold; SEIDEL, Inge (1989) – Erläuterung des Lerplanes Geschichte. Berlin: Akademie der Pädagogischen Wissenschaften der Deutschen Demokratischen Republik, Volk und Wissen, Volkseigener Verlag.
- MARSEILLE, Jacques; SCHEIBLING, Jacques, dir. (1999) – *Histoire Géographie* 3^e. Nathan.
- MÁTYÁS, Helméczy (1990) – *Történelem* 8. Budapest: Lehrbuchverlag.
- (1998) – *Történelem* 8. Budapest: Nemzeti Tankönyvk.
- MEYER, Helmut; SCHNEEBELL, Peter (1994) – *Durch Geschichte zur Gegenwart* 4. Zürich: Lehrmittelverlag des Kantons.
- MILLS, Harry (1987) – *Twentieth Century World History in Focus*. Macmillan Education.
- OANE, Sorin; OCHESCU, Maria (1999) – *Istorie*, Clasa VIIa. Bucureste: Humanitas Educational, Ministerul Educatiei Nationale.
- PÁL, Fekete (1992) – *Történelem* 8. Budapest: Tankönyvkiadó.
- SCOTT-BAUMANN, Michael; PLATT, David (1989) – *Our Changing World, Modern World History from 1919 to the Present*. Hodder & Stoughton.
- SZCZESNIAK, Andrzej Leszek (1984) – *Historia* 8. *Polska i świat naszego wieku*. Varsóvia: Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne.
- (1997) – *Historia* 8. *Polska i świat naszego wieku, 1914-1989*. Varsóvia: Wydawn Bellona.